

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**RELAÇÕES DE AMIZADE PARA USUÁRIOS DA SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

Laís Riviera Baratela

São Carlos - SP

2025

LAÍS RIVIERA BARATELA

RELAÇÕES DE AMIZADE PARA USUÁRIOS DA SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado à Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof^a. Dra. Giovana Garcia Morato.

São Carlos

2025

Baratela, Laís Riviera.

Relações de amizade para usuários da saúde mental: um estudo exploratório / Laís Riviera Baratela - 2025.

51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Terapia Ocupacional –
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2025.

1. Saúde Mental. 2. Atenção Psicossocial. 3. Relações de amizade. I. Título.

RELAÇÕES DE AMIZADE PARA USUÁRIOS DA SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO

Laís Riviera Baratela

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de bacharel em Terapia Ocupacional pela
Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: 24/02/2025.

Orientadora

Prof^ª. Dra. Giovana Garcia Morato

Universidade Federal de São Carlos

Parecerista

Prof^ª. Dra. Tais Quevedo

Universidade Federal de São Carlos

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, pela vida e por me conduzir neste caminho.

Agradeço à minha mãe, Sra. Rosimar Aparecida Riviera Baratela e ao meu pai, Sr. Rogério Baratela, por todo incentivo e apoio nessa trajetória, por terem acreditado comigo nesse sonho, de me formar Terapeuta Ocupacional em uma universidade pública.

Agradeço às minhas amigas, Gabriella Matos, Gelise Prado, Georgia Morelato, Lara Bernardo, Lívia Garbuio e Sofia Barros, por todo afeto e por me fortalecerem.

Agradeço ao meu parceiro de vida, Gabriel Destro Gasparini, por todo amor e acolhimento ao longo de toda essa formação.

Agradeço aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade em compartilhar as suas histórias e experiências, enriquecendo a construção deste trabalho.

Agradeço ao Grupo Projeto de Vida, por mobilizarem esse tema e por me ensinarem tanto com as suas trajetórias e saberes.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dra. Giovana Morato, pela disponibilidade em me acompanhar durante o desenvolvimento deste trabalho, por compartilhar seus conhecimentos teóricos e práticos, que foram fundamentais para a construção desta pesquisa.

RESUMO

Nos anos 70 e 80, o Brasil vivenciou mudanças profundas, incluindo a área da saúde mental, impulsionadas pela Reforma Psiquiátrica. Essa reforma, abrangendo aspectos conceituais, técnicos, socioculturais e jurídicos, destacou a importância das redes sociais para a inclusão e ampliação da participação social dos usuários de serviços de saúde mental. No entanto, muitos enfrentam dificuldades em estabelecer e fortalecer essas redes, devido a estigmas sociais e ao afastamento causado pelo processo de adoecimento. As relações de amizade desempenham um papel importante na saúde mental, logo que, pessoas que possuem vínculos fortes apresentam níveis mais baixos de ansiedade e depressão, além de ser uma forma de apoio e escuta em momentos de crise. Promover a formação de amizades deve ser parte integrante do cuidado em saúde mental, pois relações significativas são fundamentais para melhorar a qualidade de vida dos usuários e proporcionar fatores protetivos. Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo geral investigar e compreender sobre o papel, a função e a importância das relações de amizade para usuários de CAPS II. Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa 10 usuários de um CAPS II de um município do interior do estado de São Paulo. Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos, ambos Roteiros de Entrevista Semiestruturada. A escolha do roteiro foi baseada na resposta dos participantes à pergunta: "Você tem amigos?". Caso a resposta fosse positiva, aplicava-se o Roteiro 1; caso fosse negativa, utilizava-se o Roteiro 2. Os dados coletados foram transcritos e submetidos à Técnica de Análise Temática, dando origem a três categorias temáticas: Quem sou eu nessa conversa sobre amizade? Amizade para quê e onde? e Qual a importância de se ter uma amizade? A partir dessa análise, verificou-se que a maioria dos participantes da pesquisa possuem relações de amizade e gostariam de ter/fazer amigos. Nesse sentido, também disseram de suas dificuldades em estabelecer confiança e de fatores que os limitam em constituir novos vínculos. Identificou-se que a maioria de suas relações de amizade são realizadas em outros espaços sociais, tendo sido mencionada a igreja por quatro participantes, em contrapartida, apenas uma pessoa evidenciou o CAPS. Por fim, aponta-se que novas pesquisas devem ser desenvolvidas neste tema com vistas a produzir conhecimentos e possibilitar a construção de novas estratégias nos campos de atuação que apoiem os usuários da saúde mental na construção, manutenção e ampliação de suas relações de amizade. Com isso, argumenta-se que é necessário que o cuidado englobe o fortalecimento das redes sociais dos usuários e ampliação dos espaços de sociabilidade no território enquanto forma de potencializar a inclusão dos sujeitos.

Palavras-chave: Saúde mental. Relações de amizade. Atenção Psicossocial. Redes sociais. Centro de Atenção Psicossocial.

ABSTRACTS

In the 1970s and 1980s, Brazil underwent profound changes, including in the area of mental health, driven by the Psychiatric Reform. This reform encompassed conceptual, technical, sociocultural, and legal aspects, emphasizing the importance of social networks for the inclusion and increased social participation of mental health service users. However, many individuals face challenges in establishing and strengthening these networks due to social stigma and the isolation caused by mental illness. Friendship plays a crucial role in mental health; individuals with strong social ties tend to exhibit lower levels of anxiety and depression, serving as a source of support during crises. Promoting friendship formation should be an integral part of mental health care, as meaningful relationships are essential for improving users' quality of life and providing protective factors. Consequently, this research aimed to investigate and understand the role, function, and importance of friendships for users of CAPS II (Psychosocial Care Centers). This exploratory study utilized a qualitative approach and involved ten users from a CAPS II in a municipality in the interior of São Paulo state. Data collection employed two semi-structured interview guides based on participants' responses to the question: "Do you have friends?" If the answer was affirmative, Guide 1 was used; if negative, Guide 2 was applied. The collected data were transcribed and subjected to Thematic Analysis, resulting in three thematic categories: "Who am I in this conversation about friendship?", "Friendship for what and where?", and "What is the importance of having a friendship?". The analysis revealed that most participants have friendships and express a desire to make new friends. They also shared difficulties in establishing trust and factors limiting their ability to form new connections. It was noted that most friendships occur in other social spaces, with four participants mentioning church as a context for friendship, while only one person identified CAPS as such a space. Finally, it is suggested that further research should be conducted on this topic to generate knowledge and develop new strategies that support mental health users in building, maintaining, and expanding their friendships. It is argued that care must include strengthening users' social networks and expanding opportunities for sociability in their communities as a means to enhance inclusion.

Keywords: Mental health. Friendship relations. Psychosocial Care. Social networks. Psychosocial Care Center.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVO.....	14
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	14
3.1 PARTICIPANTES.....	14
3.2 CAMPO DE ESTUDO.....	15
3.3 Instrumentos para a coleta de dados.....	15
3.4 PROCEDIMENTOS.....	16
3.4.1 <i>Elaboração e validação dos instrumentos.....</i>	<i>16</i>
3.4.2 <i>Contato com a Secretária Municipal de Saúde e com o CAPS II.....</i>	<i>16</i>
3.4.3 <i>Aspectos éticos.....</i>	<i>16</i>
3.4.4 <i>Divulgação da pesquisa e contato com os participantes.....</i>	<i>17</i>
3.4.5 <i>Realização das entrevistas.....</i>	<i>18</i>
3.4.6 <i>Análise dos resultados.....</i>	<i>18</i>
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
4.1 Participantes.....	19
4.2 Quem sou eu nessa conversa sobre amizade?.....	20
4.3 Amizade para quê e onde?.....	24
4.4 Qual a importância de se ter uma amizade?.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6. REFERÊNCIAS.....	35
7. APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	39
7.1 APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	41
7.2 APÊNDICE C - Cartaz para divulgação da pesquisa e contato com os usuários...43	
7.3 APÊNDICE D - Folder para compartilhar com os usuários.....	44
8. ANEXO A - Parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa para a realização da pesquisa...46	

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, as décadas de 1970 e 1980 testemunharam profundas mudanças sociais e políticas, especialmente no âmbito da saúde, impulsionadas pelo processo de redemocratização do país. Esse período foi marcado por intensa mobilização em prol dos direitos humanos e da melhoria das condições de saúde, ocorrendo uma reconfiguração conceitual significativa em relação aos processos de saúde-doença e no modelo teórico que embasa as práticas dos diversos núcleos profissionais. Nesse contexto, o campo da saúde mental, alinhado a essas mudanças, também se reconfigurou a partir do movimento de Reforma Psiquiátrica e dos movimentos sociais (Yasui, 2010).

Com o processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil, se iniciaram as transformações no campo da saúde mental, as quais ocorreram em quatro dimensões estratégicas para a Atenção Psicossocial, a saber: dimensão teórico-conceitual; dimensão técnico-assistencial; dimensão sociocultural e dimensão jurídico-político.

No campo teórico-conceitual, há mudanças de um modelo asilar para o modelo da Atenção Psicossocial, por meio da construção de conceitos do sujeito na relação com o corpo, o sofrimento, cuidado, acolhimento e a contratualidade social (Amarante, 2003). O campo técnico-assistencial é caracterizado pela criação de espaços de sociabilidade e de trocas, em que a produção de saúde é promotora de subjetividades. O jurídico-político diz respeito à luta pela Reforma Psiquiátrica e pela extinção dos manicômios e sua substituição por instituições abertas, pela constituição de leis que assegurem os direitos dos loucos e sejam capazes de garantir o exercício da cidadania, o trabalho e a inclusão social (Amarante, 2003). No campo sociocultural, tem-se o desenvolvimento de uma variedade de práticas sociais com o objetivo de reformular a compreensão coletiva sobre a loucura, as doenças mentais e o conceito de anormalidade, além dos processos de desinstitucionalização. Assim, é operada uma redefinição da lógica social, que considera o louco como cidadão com direitos que deve ter assegurada a participação plena na vida social, bem como o exercício de cidadania (Amarante, 2003).

Um dos referenciais que contribuíram de maneira teórica e prática para o processo de Reforma Psiquiátrica brasileira, com conseqüente constituição do atual campo da Atenção Psicossocial, foi a Reabilitação Psicossocial, que para Pitta (2016) se trata de uma atitude estratégica, intimamente ligada aos aspectos políticos, de compreensão e complexidade, com cuidados para pessoas vulneráveis aos modelos de sociabilidades habituais.

De acordo com a perspectiva de Benedetto Saraceno acerca da Reabilitação Psicossocial, existem três cenários que servem de alicerce para a vida e que, portanto, precisam ser considerados quando se trata da Reabilitação Psicossocial de pessoas usuárias de serviços de saúde mental: a casa/habitat, a rede social e o trabalho (Saraceno, 1996).

O cenário rede social, segundo Saraceno (1996), refere-se ao conjunto de relações sociais e de apoio que um indivíduo possui em seu ambiente, incluindo familiares, amigos, colegas de trabalho e comunidade. Nessa direção, e tomando como base o cenário rede social como apresentado pelo autor, verifica-se que a sociabilidade é um fator determinante para a criação de redes e ampliação de espaços de trocas para as pessoas em sofrimento psíquico que ultrapassem os serviços de saúde mental. Além disso, estudos indicam que durante períodos de adoecimento, os usuários podem ter dificuldades em atender às demandas diárias, o que pode levar ao enfraquecimento dos laços sociais (Muramoto, Mângia, 2011). Essa situação cria um ciclo, no qual o isolamento social e a falta de suporte podem agravar os sintomas e proporcionar maiores dificuldades em se estabelecer relações após situações de crise (Muramoto, Mângia, 2011).

A rede social pessoal de qualquer indivíduo é uma das chaves de sua experiência de identidade, bem-estar, competência e agenciamento. Isso inclui os hábitos de cuidado com a saúde e a capacidade de adaptação em situações de crise, demonstrando a integração psicossocial e a promoção do bem-estar. No modelo da Rede social na Prática Sistêmica proposto por Sluzki são atribuídos quadrantes que permeiam as relações interpessoais - família, amizades, trabalho/estudo e comunidade, destacando-se aqui o quadrante relativo às amizades (Sluzki, 1997).

O quadrante amizade, no modelo da Rede social na Prática Sistêmica, pode ser elencado em três áreas a) círculo interno de relações íntimas, que se relaciona aos amigos mais próximos; b) círculo intermediário de relações pessoais com menor grau de compromisso, como relações sociais/profissionais sem intimidade, “amizades sociais” e c) círculo externo de conhecidos e relações ocasionais, conhecidos de vários espaços. Destacando-se que as pessoas citadas nessas áreas são compreendidas como a rede social do usuário (Sluzki, 1997).

A efetividade das redes sociais é influenciada por diversos fatores, como o tamanho da rede, a intensidade dos vínculos e as funções desempenhadas pelas relações. Assim, redes muito pequenas podem ser menos eficazes em situações de sobrecarga ou tensão prolongada, já que os membros tendem a evitar contatos para se protegerem. Por outro lado, redes muito numerosas podem não ser efetivas, logo que costumam direcionar o problema para outra

pessoa e não procuram dar apoio. Dessa forma, as redes de tamanho médio são mais favoráveis (Sluzki, 1997).

As redes sociais podem ser definidas, a partir destes estudos, como a somatória das relações estabelecidas por um indivíduo que são percebidas por ele como significativas, diferenciando-se assim do restante da sociedade. Os sujeitos sentem-se, em alguma medida, pertencentes e reconhecidos em suas redes sociais, que contém, sustentam e são geradas por histórias que constituem a identidade de seus membros. Portanto, estar na vida com outras pessoas em suas redes é um processo sem fim de construção do self e dos outros (Montanher, Leal, 2013).

Estudos nacionais têm apontado que os usuários de CAPS tendem a possuir relações restritas ao núcleo familiar, aos profissionais da saúde e às atividades religiosas. Essa situação reflete nas fragilidades das dinâmicas relacionais e, em conjunto com as rupturas contratuais, evidenciam dificuldades em acessar outros espaços e construir relações por conta dos estigmas sociais, preconceito e discriminação (Moura et al, 2014; Muramoto, Mângia, 2011, Moll, Saeki, 2009). Assim, a pobreza interrelacional se torna um fator de risco e o serviço passa a ser o único meio de acolhimento, identificação e cuidado (Muramoto, Mângia, 2011). Assim, é fundamental ter em vista que

O lugar da “cura” e da “reabilitação” não é mais a instituição de tratamento nem o serviço de saúde, ainda que a assistência pública em serviços abertos seja fundamental para a mudança nos modos de cuidado e fortalecimento dos dispositivos e estratégias da atenção psicossocial. O lugar da emancipação e da autonomia, entendidas como realidades dinâmicas a serem construídas, é a cidade, as relações sociais possíveis no espaço da cidade, nos espaços de convivência coletiva, nos espaços de participação social, nos grupos sociais diversos e na busca de cuidado integral e acesso a políticas públicas. Isto é, promover o direito ao lazer e ao trabalho, o direito à cultura, os espaços de militância, o direito à saúde, educação, moradia, alimentação, mobilidade social, e a uma cidade sustentável e com mais equidade para os sujeitos em sua diversidade (Amarante, Torre, 2018, p. 6).

Portanto, é essencial que na perspectiva da Atenção Psicossocial os muros institucionais sejam superados e haja a constituição de redes sociais em consonância com os usuários do CAPS, proporcionando articulações intersetoriais e impulsionando práticas de saúde ampliadas. Essas contribuições fortalecem as políticas de saúde coletiva, ultrapassando a visão biomédica (Amarante; Torre, 2018). Além disso, ampliar as redes sociais e proporcionar a construção das relações de amizade se torna uma forma de intensificar a participação social e os valores enquanto cidadão, de ter poder de escolha e ser ouvido sobre

os seus interesses e ambições, construindo novas possibilidades de ser e estar no mundo (Salles; Barros, 2014).

Segundo a pesquisa de Amadei et al. (2023), os usuários têm buscado a ocupação de espaços na comunidade e a construção de relações de amizade que ultrapassem os serviços de saúde, destacando um maior adensamento das relações de amizade. Entretanto, nota-se que apresentaram certa dificuldade para expressar o motivo da inserção ou declararam não possuir amigos, estando essas relações ligadas ao adoecimento e ao tratamento.

A amizade desempenha um papel crucial na saúde mental, proporcionando apoio emocional e o sentimento de pertencimento. Com isso, os indivíduos com fortes laços de amizade apresentam níveis mais baixos de ansiedade e depressão, além de uma maior resiliência frente a crises (Alégria et al., 2018). Promover a formação de amizades deve ser parte integrante do cuidado em saúde mental, pois relações significativas são fundamentais para melhorar a qualidade de vida dos usuários e proporcionar fatores protetivos (Alégria et al., 2018).

Nessa direção, é essencial compreender e refletir sobre as trajetórias de vida dos usuários, assim como sobre a eficácia dos serviços oferecidos, para que exista a possibilidade de ampliar o poder contratual dos usuários e fomentar relações capazes de gerar significado e autonomia (Saraceno, 1999; Kinoshita, 2001; OMS, 2001; Mangia; Muramoto, 2007).

Partindo desses pressupostos, Yasui (2016) traz referências que afirmam a política da amizade, no contexto da Atenção Psicossocial e das práticas de cuidado nos seus dispositivos, enquanto uma ação que pode se constituir em qualquer espaço, podendo ser construída ou reestruturada constantemente enquanto forma de ocupar e fomentar a sociabilidade, por meio do discurso e da mobilização política (Ortega, 2009, p.23). Segundo Ortega (2009), a política da amizade

É um apelo, um convite, a criarmos novas imagens e metáforas para o pensamento, para a política, para os sentimentos. A nova forma de amizade aqui esboçada constitui, no fundo, um ‘exercício político’. [...] A noção do político implícita nos textos de Derrida, Arendt e Foucault é uma alternativa à despolíticação, ao esvaziamento do espaço público, característico da sociedade contemporânea. Neste contexto, a amizade pode constituir uma forma de re-traçar e re-inventar o político. Ante uma sociedade que limita e prescreve as formas de relacionamento, a amizade seria a experimentação de novas formas de sociabilidade (Ortega 2009, p.12-13).

Ferh (1996) aponta que as amizades se desenvolvem a partir da interrelação dos fatores ambientais, situacionais, individuais e diádicos, que caracterizam essas relações

enquanto processos dinâmicos. Os fatores ambientais seriam a proximidade residencial e a comunicação; os fatores situacionais se expressam através da frequência de contato e dependência; os individuais são critérios de inclusão/exclusão que são identificados pelo sujeito e garantem ou não a aproximação e criação de vínculo e os fatores diádicos, que são responsáveis pelo afeto e a abertura para conversar sobre assuntos pessoais (Ferh, 1996). Com isso, as relações de amizade se alteram à medida que há modificações nas interações ou ambientes e mudanças que ocorrem conforme as etapas da vida, como a intensificação dos vínculos familiares e cônjuges, sendo influenciado por normas sociais e aspectos culturais (Souza, Hutz, 2008). Dessa forma, a amizade se configura enquanto uma possibilidade de apostar em experimentações através do encontro com o outro, de se reconhecer e produzir subjetividades que são volantes, potentes e revolucionárias (Ortega, 2009, p.23).

A amizade se desenvolve a partir do encontro entre sujeitos, buscando reinterpretar as relações sob um imaginário democrático (Araújo, 2005). Essa perspectiva se aproxima das análises foucaultianas que destacam os aspectos sociais como fundamentais para uma sociabilidade fraternal, promovendo novos modelos de interação que incentivam uma política de experimentação (Ortega, 2009).

“A amizade que não se reduz a uma relação confortante, especular e íntima, estabelecida entre iguais. Amizade aqui é busca, apostas nas experimentações, encontros alegres produzindo intensidades e conexões libertárias, geradoras de um modo de vida estético, produção de subjetividades instituintes, revolucionárias. Vontade de potência para o combate” (Yasui, 2016, p. 180).

Com isso, a amizade não é sinônimo de tranquilidade e essa interação cria possibilidades dentro do acompanhamento terapêutico, por meio da construção de redes sociais em conjunto com os usuários e fomentando espaços de direitos à loucura. Portanto, a amizade se caracteriza enquanto um fenômeno público, que se desenvolve a partir das experiências humanas e estabelece o espaço entre os sujeitos, as trocas e o que é compartilhado: da liberdade e do risco (Ortega, 2009).

Embora existam evidências na literatura acerca da importância das relações de troca e da sociabilidade para a (re)construção das redes sociais de usuários da saúde mental, foram encontrados poucos estudos sobre o papel da amizade e as suas contribuições nas dinâmicas relacionais destes usuários. Diante do exposto, questiona-se: Qual a concepção de amizade/amigo para os usuários da saúde mental? Eles reconhecem terem amigos? Qual a importância e função desse tipo de relação para eles? Quais são as dificuldades e desafios para estabelecerem relações de amizade?

Diante dos questionamentos levantados, a presente pesquisa pretende investigar sobre o papel, função e a importância das relações de amizade para usuários de CAPS, uma vez que, como vem apontado na literatura, a existência de redes sociais em suas distintas modalidades - aqui destacada a amizade - contribuem para processos de inclusão social, melhora da sociabilidade e consequente exercício de cidadania dos sujeitos.

2. OBJETIVO

Objetivo geral:

- Investigar e compreender sobre o papel, a função e a importância das relações de amizade para usuários de CAPS II.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa.

Os estudos exploratórios se caracterizam pela investigação de um tema ou problema de estudo, caracterizado pela presença de lacunas na literatura ou ausência de informações. Com isso, tem como papel reconhecer os fenômenos, conceitos e selecionar prioridades a se investigar sobre determinado assunto (Sampieri; Collado; Lucio, 2006).

A abordagem qualitativa de pesquisa em saúde busca compreender a complexidade dos fenômenos sociais, culturais e humanos relacionados à saúde. Ao contrário dos métodos quantitativos, que se concentram na coleta e análise de dados numéricos, a pesquisa qualitativa se baseia em dados não quantificáveis, como narrativas, observações e análise de documentos, dessa forma “[...] à focalização sobre um experimento que se busca compreender por meio de entrevistas, observações, uso de banco de dados e documentos” (Minayo, 2014, p. 164).

Uma das características distintivas da pesquisa qualitativa é sua flexibilidade, permitindo que os pesquisadores se adaptem às nuances e particularidades do contexto em estudo. Isso possibilita uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos investigados (Minayo, 2014).

3.1 Participantes

Participaram do presente estudo 10 usuários de um CAPS II, localizado em um município do interior do estado de São Paulo.

Critérios de inclusão:

- Usuários com o quadro clínico estável e comunicação verbal preservada;
- Que participavam regularmente de grupos e/ou oficinas no serviço.

Critérios de exclusão:

- Se negar a participar da pesquisa e a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- Ser interditado.

3.2 Campo do estudo

O campo de estudo foi um Centro de Atenção Psicossocial do tipo II (CAPS II), localizado em um município do interior do estado de São Paulo.

O CAPS II atende pessoas em sofrimento psíquico decorrente de transtornos mentais graves e persistentes, acolhendo também aqueles relacionados ao abuso de álcool e outras substâncias e outros estados clínicos que precisem de apoio no fortalecimento de suas redes. Dessa forma, serviços CAPS na modalidade II são recomendados para áreas ou regiões com uma população acima de 70 mil habitantes (Brasil, 2024). Neste estudo, o CAPS II está situado em um município com mais de 200 mil habitantes.

3.3 Instrumentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos, ambos Roteiros de Entrevista Semiestruturada. A escolha do roteiro foi baseada na resposta dos participantes à pergunta: "Você tem amigos?". Caso a resposta fosse positiva, aplicava-se o Roteiro 1 (APÊNDICE A); caso fosse negativa, utilizava-se o Roteiro 2 (APÊNDICE B), com perguntas adaptadas ao contexto, que fizessem sentido às vivências dos usuários.

Quanto ao Roteiro de Entrevista Semiestruturada, suas questões versaram sobre o tema da amizade no que diz respeito à existência ou não dessa figura na vida do sujeito, sua função, qualidade, etc e foram construídas a partir da revisão da literatura e dos objetivos da presente pesquisa. Nos Roteiros de Entrevista constam os dados pessoais dos participantes.

A entrevista é uma estratégia vastamente elaborada para pesquisas de campo de abordagem qualitativa (Minayo, 2006) e se caracteriza por ser uma forma mais flexível de investigação, e com isso, proporciona ao entrevistador a possibilidade de adaptar-se aos sujeitos e contextos em que a entrevista será realizada (Gil, 1999, p. 118). Assim, reforça a importância das informações obtidas por meio da entrevista como uma fonte valiosa de dados subjetivos, que só podem ser acessados com a contribuição direta do próprio entrevistado.

Essas informações são essenciais para entender as percepções, sentimentos e interpretações do sujeito sobre sua própria realidade, aspectos fundamentais em pesquisas qualitativas (Minayo, 2006).

Quanto à escolha da entrevista semi-estruturada, conforme aponta Triviños (1987), essa modalidade oferece uma combinação interessante entre a presença do investigador e a liberdade do informante. Por um lado, a presença do pesquisador pode fornecer apoio e orientação ao entrevistado, enquanto, por outro lado, a estrutura semi-estruturada permite flexibilidade e espontaneidade por parte do entrevistado, enriquecendo a investigação com diferentes perspectivas e experiências.

3.4 Procedimentos

3.4.1 *Elaboração e validação dos instrumentos*

Os instrumentos foram construídos a partir da revisão da literatura e orientados pelos objetivos da pesquisa. Quando elaborados, passaram por um processo de submissão para a análise de três juízes, especialistas na área referente. Com isso, contribuíram para a indicação de possíveis ajustes, considerando a importância, função e papel das relações de amizade.

Ressalta-se que a realização da coleta de dados somente foi iniciada após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP - UFSCar).

3.4.2 *Contato com a Secretária Municipal de Saúde e com o CAPS II*

Inicialmente foi realizado o contato com a Secretaria Municipal de Saúde e com o CAPS II do município a fim de responder às exigências éticas e protocolares do município e obter autorização para a realização da presente pesquisa. Dessa forma, assim que houve a emissão de parecer favorável à realização da pesquisa por esta instância, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP - UFSCar).

3.4.3 *Aspectos éticos*

Após emissão de autorização pela Secretaria Municipal de Saúde e do CAPS II, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP - UFSCar) e, somente após sua aprovação, iniciou-se o desenvolvimento da pesquisa e coleta de dados.

As pessoas que concordaram em participar da pesquisa, foram convidadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, ambas assinadas e rubricadas pela pesquisadora responsável, ficando uma sob guarda do participante e outra da pesquisadora. Os participantes receberam esclarecimentos sobre a livre escolha de participarem ou não da pesquisa e também sobre poderem retirar seu consentimento a qualquer momento, sem haver com isso qualquer prejuízo na sua relação com a pesquisadora e/ou com o serviço a que está vinculado. Ainda, foram informados sobre o sigilo de suas identidades e a utilização dos dados somente para fins de pesquisa.

As entrevistas ocorreram em dia e horário escolhido pelo participante, acontecendo quando os usuários estavam no próprio serviço CAPS, de forma a não comprometer sua rotina e demais atividades diárias.

De toda forma, a pesquisadora se deslocou até o participante para a realização da entrevista, não havendo gastos, por parte do participante, tais como transporte e alimentação, para a sua participação na pesquisa.

Ao término do estudo, os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa por meio da distribuição de um folder, elaborado com base nos resultados obtidos. Este folder, que terá um formato acessível e visualmente atraente, incluirá ilustrações e utilizará uma linguagem clara e direta, adaptada ao perfil do público participante. O material, oriundo dos resultados da pesquisa, abordará temas cruciais, como a importância das relações de amizade para a saúde mental e estratégias para criar e fortalecer esses laços de amizade.

3.4.4 *Divulgação da pesquisa e contato com os participantes*

Após emissão de parecer favorável pelo CEP-UFSCar para a realização da pesquisa, a pesquisadora realizou contato com a Coordenadora do CAPS II, momento em que explicou sobre a pesquisa, seus objetivos e metodologia. Posteriormente, compareceu ao serviço para participar de uma das reuniões de equipe, de forma a realizar a apresentação da pesquisa e seu detalhamento aos profissionais do serviço, momento em que foi solicitado o apoio destes na divulgação da pesquisa junto aos usuários do CAPS, bem como realizada indicações, considerando os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Adicionalmente, foram produzidos cartazes e panfletos (APÊNDICE C) explicando sobre a pesquisa, seus critérios para participação e também contendo o contato de e-mail e telefone da pesquisadora que foram afixados no serviço, de forma a ampliar tal divulgação.

Com o apoio dos profissionais da equipe na divulgação e indicação dos potenciais participantes, ocorreu a mediação do contato entre a pesquisadora e os usuários que

manifestaram interesse em participar da pesquisa a fim de que dialogassem sobre tal participação e aceite do usuário. Os usuários que manifestaram expresso interesse em participar da pesquisa foram indagados pela pesquisadora sobre como preferiam ser contatados (por telefone, por e-mail, etc) a fim de que facilitasse um encontro para que a pesquisadora esclarecesse, em linguagem acessível e adequada, sobre do que se tratava a pesquisa, sobre a forma de participação do usuário e também sobre o melhor dia, horário e local para este. Na ocasião, também foi lido com o usuário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) esclarecendo todas as suas dúvidas sobre sua participação e ressaltando sobre sua liberdade de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com o serviço. Todos foram informados também sobre o absoluto sigilo sobre sua identidade e sobre o uso dos dados coletados para fins de pesquisa.

3.4.5 Realização das entrevistas

Aqueles sujeitos que concordaram em participar da pesquisa em dia, horário e local por eles escolhidos previamente, foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, ambas assinadas e rubricadas pela pesquisadora responsável, ficando uma sob guarda do participante e outra da pesquisadora e receberam novamente todos os esclarecimentos necessários sobre sua participação e possibilidade de desistência a qualquer momento. Após essa etapa, foram convidados a participar de uma entrevista semiestruturada.

Os participantes foram informados sobre a gravação das entrevistas por meio de gravador digital, as quais, em seguida, passaram pelo processo de transcrição na íntegra pela pesquisadora para fins de análise. Os participantes também foram informados de que os dados serão excluídos de armazenamentos de plataformas virtuais, ambientes compartilhados ou em "nuvem".

3.4.6 Análise dos resultados

As entrevistas, após transcritas na íntegra, foram organizadas em ordem de realização e foram submetidas à técnica de Análise Temática (Bardin, 2008). A Análise Temática consiste em uma das técnicas incluída na Análise de Conteúdo, se caracterizando enquanto uma forma de análise das comunicações (Bardin, 2008). Dessa forma, possibilita encontrar os núcleos de sentido, ou os temas, integrados na comunicação.

Assim, o tema é o significado contido no texto analisado, conforme a teoria que fundamenta os critérios. Com isso, pode ser utilizado como unidade de registro com o objetivo de pesquisar sobre aspectos sociais e culturais (Bardin, 2008).

Para executar a análise, as entrevistas após transcritas na íntegra foram padronizadas e organizadas em ordem de realização. Após, procedeu-se com a leitura exaustiva do material, enquanto forma de compreender os dados e identificar temas significativos que, em seguida, foram agrupados e deram origem às seguintes categorias temáticas:

- Quem sou eu nessa conversa sobre amizade?
- Amizade para quê e onde?
- Qual a importância de se ter uma amizade?

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes da apresentação e discussão das categorias temáticas supracitadas, será apresentada a caracterização dos participantes da pesquisa.

4.1 PARTICIPANTES

Participaram da presente pesquisa, 10 usuários do CAPS II. Os 10 participantes tinham idades entre 20 e 55 anos, em sua maioria mulheres, sendo 4 casadas e 2 solteiras, tendo iniciado o acompanhamento no serviço há pouco tempo, a cerca de menos de 3 meses. Enquanto os homens eram, em sua maioria, solteiros/divorciados, tendo iniciado o acompanhamento a cerca de 5-10 anos. Todos não trabalham atualmente e a divisão de moradia é bastante variável. No presente estudo, os participantes tiveram suas identidades preservadas, sendo genericamente intitulados de P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10.

Um detalhamento sobre estas características dos participantes vem apresentado no Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1 - Caracterização dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Como você se identifica?	Estado civil	Escolaridade	Você trabalha atualmente?
P1	22	Mulher	Solteira	Ensino Médio	Não

				Completo	
P2	55	Homem	Divorciado	Fundamental Incompleto	Não
P3	55	Homem	Casado	Fundamental Incompleto	Não
P4	29	Mulher	Solteira	Fundamental Completo	Não
P5	51	Mulher	Casada	Fundamental Incompleto	Afastada
P6	49	Mulher	Casada	Ensino Médio Completo e Técnico	Não
P7	28	Homem	Solteiro	Fundamental Incompleto	Não
P8	31	Mulher	Solteira	Ensino Médio Completo	Afastada
P9	47	Mulher	Casada	-----	Afastada
P10	32	Mulher	Casada	Técnico	Não

Feita a apresentação dos participantes passa-se, a seguir, para a apresentação e discussão das categorias temáticas oriundas das entrevistas.

4.2 Quem sou eu nessa conversa sobre amizade?

Na presente categoria foram reunidos temas que, em seus entrelaçamentos, revelam como, a partir da fala dos participantes, ocorre a criação de vínculos de amizade, os caminhos e dificuldade em estabelece-los, além da manutenção da confiança, apresentando dificuldades em nutrir essas relações. Esses aspectos trazidos pelos participantes acerca das relações de amizade evidenciaram como eles fazem amigos e pelo que perpassa esse papel em suas

histórias, uma vez que a amizade se apresenta enquanto um espaço de possibilidade de mudança, desconstruindo o que é singular para dar abertura ao novo, ao amigo (Ortega, 2009, p.23). Dessa forma, eles compartilharam as suas vontades e/ou não vontades de criar novos vínculos, como ressalta-se nas falas abaixo:

“Não, porque eu acho que hoje em dia tem muita falsidade no mundo [quando questionado sobre se gostaria de ter/fazer mais amigos]” (P4)

“Quanto mais melhor. Os que vão aparecendo, se gostar, ficar ficou.” (P5)

“Ah, porque quanto mais amigo melhor. Às vezes eu queria ter mais amigos.” (P7)

“Porque eu acho legal conhecer pessoas novas.” (P10)

“Não é mais importante ter amigos. [...] Porque não dá pra se confiar em ninguém. As pessoas hoje estão diferentes.” (P8)

Entre os participantes, aqueles que revelaram sobre suas não vontades em ter/fazer amigos apresentaram falas parecidas sobre a dificuldade de confiar ou dizendo da falsidade que existe. Em contrapartida, os demais participantes demonstraram posicionamentos diferentes, reforçando que as relações de amizade são importantes meios de sociabilidade e afetação.

Durante as entrevistas, e a partir dos dados coletados, foi possível compreender que os participantes apresentam percepções distintas sobre si mesmos acerca de suas habilidades para fazer amizades, compondo belezas e particularidades que podem ser facilitadores ou não do processo de constituição desse tipo de relação. Nessa direção, estudos apontam que as pessoas com transtornos mentais apresentam interesse em criar novas relações, encontrar alguém para fazer partilhas, o que os motiva a construir amizades a longo prazo (Salles, Barros, 2014; Granerud, Severinsson, 2006).

Destaca-se que a maioria dos entrevistados apresentou desejo de criar novos vínculos de amizade, sendo apenas três os que demonstraram o contrário disso, motivados por acontecimentos pessoais que acarretaram nessa decisão. Entre estes, dois indicaram não possuir amigos, de forma que participaram da entrevista sendo utilizado o Roteiro 2 (APÊNDICE B).

A construção de relações perpassa por escolher e ter a oportunidade de encontrar pessoas, partilhar momentos e atividades frequentes com reciprocidade e habilidade para manter o contato e a crença de que cada pessoa tem algo a oferecer (Salles, Barros, 2014; Bates, 2002). Com isso, a participação social potencializa a confiança e a capacidade de realizar as suas escolhas em todas as áreas da vida (Mezzina et al., 2006), possibilitando um papel mais ativo em suas relações. Essa situação é observada no âmbito da amizade, de se entender enquanto uma pessoa com características que mobilizam essa aproximação e de ter poder de escolha sobre quem serão os seus amigos. Dessa forma, alguns dos entrevistados compartilharam sobre sua características potenciais para fazer amigos:

“Eu sou muito fácil. Eu sou porque... mas se você está enfrentando um problema muito difícil... Eu posso estar “morrendo” por dentro. Mas você não vai me ver cabisbaixa, você vai me ver sorrindo. E todo mundo que me conhece já gosta de mim de começo por causa do sorriso. Por causa da alegria. Porque sabe da luta, sabe às vezes dos problemas. Mas como que você consegue ser tão forte? Se uma mulher lutadora quer ser amigo de uma pessoa dessa. Porque eu vou aprender muito ser como você. Então você pode imaginar alguém falar que quer aprender. Quando eu crescer eu quero ser como você. Brincalhona, meus sobrinhos por exemplo falam que a tia é a alegria da festa, por todos os problemas é a alegria da festa. Porque eu dou risada com todo mundo, brinco por todo mundo. Desde criança com adulto, cachorro, gato. Então eu estou ali sempre com carinho para todo mundo, então não sou difícil de ter amigo, de encontrar amigo. Se tiver alguém procurando, é eu.”
(P5)

“Eu faço fácil, amigos... [...] Ah, que eu chego dando risada, eu converso, brinco, interajo, aí a pessoa já vem e faz amizade comigo.” (P4)

Em contrapartida, nota-se que a maioria dos participantes indicaram apresentar dificuldade em estabelecer uma relação, apresentando enquanto obstáculo a crença de que não são capazes de realizar essa aproximação. Essa crença se difunde em muitas vertentes de exclusão e segregação social da pessoa com transtorno mental, sendo reforçada na vida cotidiana a imagem de que eles são incapazes da participação social (Salles, Barros, 2014). Logo, algumas falas evidenciam a interiorização dessa exclusão e alguns dos motivos pelos quais alguns participantes não constroem novas relações de amizade, destacando-se:

“Eu sou muito tímida, eu não sei fazer amizades. [...] É porque assim, na minha vida, não me afeta muito ter amizade, não. [...] Ai também tem uma coisa, né, que tipo assim, quando é um lugar que tem muita gente, eu meio que me excludo.” (P1)

“Eu não sou muito bom de conversar.” (P7)

“Porque eu sou uma pessoa muito reservada, muito assim, só eu. E eu não gosto de contar minha vida pra ninguém.” (P9)

De acordo com Salles e Barros (2013), muitos dos usuários sentem dificuldade em se aproximar do convívio social e de outros sujeitos, por conta de experiências negativas que viveram, como o distanciamento e rompimento de vínculos após o diagnóstico. Assim, a rede social se torna menor e mais frágil, sendo composta apenas pela família. Nas entrevistas também apareceram situações que motivaram essa perda de vontade de constituir relações, como a dificuldade em estabelecer vínculo e confiança:

“Amigo você só vai conversar. Mas ele não vai tirar o que você está sentindo. Ele não vai te ajudar. De repente ele até ajuda... Ajuda e não ajuda, né? Ajuda assim, entre aspas, né? Com palavras, mas às vezes não é aquilo que você quer ouvir. Às vezes você vai ouvir alguma coisa de uma pessoa que você nunca viu e que você gostaria de ouvir de algum amigo. Então pra mim não faz falta. Nunca tive desde de pequena.[...] Eu acho que tem muita gente falsa se fazendo de amiga.” (P9)

Por outro lado, alguns entrevistados demonstraram ter encontrado meios para criar novos vínculos de amizade, bem como o que essas relações podem trazer de benefícios e aprendizados para suas histórias. Ressalta-se essa perspectiva nas seguintes falas:

“Você também está escolhendo assim. Mas tem que examinar ele primeiro, né? Para ver se ele assim, se ele é de arrumar confusão... Se ele é assim com a família, né? Eu vou examinar ele e ele vai me examinar também.” (P3)

“Para mim hoje até que não é tão difícil. Eu consigo chegar mais, conversar, puxar conversa. Mas só que antes era um pouco mais difícil, era mais retraída, mas aí eu comecei a trabalhar no comércio, então me ajudou, né, a me soltar um pouco mais, me sentir um pouco

mais segura. Mas só que depende um pouco também da pessoa, do ambiente. Aí tem hora que eu fico observando um pouco antes de...tentar algo [quando questionado sobre se acha fácil ou difícil fazer amigos]” (P10)

Diante do que revela a presente categoria, argumenta-se que é importante que existam espaços em que os usuários possam existir e ser valorizados em suas qualidades, características, potencial para trocas e negociações, possibilitando a criação de novas relações, uma vez que esses vínculos reforçam a confiança e a crença de que possuem algo a oferecer. Estes aspectos fortalecem outros papéis e proporcionam novas experiências que contribuem para que se ultrapasse uma visão estigmatizada sobre o transtorno mental e seus supostos impedimentos para construir e manter relações sociais.

4.3 Amizade para quê e onde?

Na presente categoria foram reunidos temas que evidenciam os desdobramentos da amizade, as características, vivências e partilhas, além da descrição e conceituação de amizade para os participantes. No contexto das entrevistas, o que os participantes revelam é que estes aspectos reforçam o papel da amizade enquanto uma possibilidade de saída dos muros institucionais para o encontro com o outro, de ser capaz de ter/ser apoio e constituir relações recíprocas.

A amizade é refletida enquanto um cenário de diálogo, compartilhamento de trajetória e suporte emocional, sendo uma forma de constituir um senso de pertencimento. Portanto, a amizade, para os participantes, é um elemento essencial na construção de suas trajetórias, promovendo vínculos que atravessam os limites dos espaços institucionais e permitem o desenvolvimento de relações genuínas e transformadoras. Esses vínculos, baseados na reciprocidade e no afeto, têm o potencial de contribuir significativamente para a inclusão social e o fortalecimento da rede de apoio dos indivíduos, evidenciando a importância das relações humanas na promoção do bem-estar e da cidadania.

Nesse sentido, os participantes trouxeram contribuições importantes sobre como compreendem/conceituam as relações de amizade:

“Pra mim, amigo é amigo. Amigo é aquele que te consolou. Me faz ouvir bastante, me faz chorar também. [...] Sabe, daqueles puxão de orelha que a gente não quer levar, mas a

gente fica com raiva, mas ele já foi pro seu bem, foi pro mal, aí você vai lá e compreende o que o seu amigo, que o amigo quer amigo, ele não vai te repreender pelo mal, pelo mal que você teve que fazer pra você mesmo. [...] Que não te deixa ali sozinha, né? Então sempre tem aqueles amigos que vê você pra baixo, mas te coloca pra cima. Te coloca pra cima. [...] Para mim o que é um amigo, é aquele que se preocupa, quando você está bem, quando você não está bem.” (P5)

“[...] acho que amigo é assim, é ser leal, ser para todas as horas que precisar, acho que tem que ser assim [...] e você ter alguém para conversar além da família, né? De todo mundo precisa de amizade, né, ter alguém para conversar, eu sou assim. E boa conversa. Boa conversa. [...] Você tem uma amizade boa e sincera, é bom para espaiar um pouco a cabeça. Pra você conversar, falar, por pra fora. Senão fica muito perturbado. Muito fechado. Hoje eu estou descobrindo isso, porque hoje eu estou vivendo isso. E tem um dia que eu estou muito sozinho. [...] Amigo dá a mão, te ajuda, acompanha você”. (P3)

“Um amigo? Um amigo é... dizer tudo, né? Um irmão porque um amigo não só passa a mão na cabeça, né, ele... ensina... faz parte da família passa a fazer parte da família, né? Se ele pensa em crescer, uma fase de precisar, de pensar sempre que está pensando em levar alguém junto, né? Eu vejo assim. [...] desabafar, sair, né, sair junto em um lugar, conversar em um lugar de como é o conselho de um de outro de como é o conselho, de parceria. [...] Me dá apoio, me dá conselho, procura entender o que a gente passa, tem uma visão mais ampla, né? [...] então arrumar um amigo pra você conhecer mais, ampliar mais os horizontes, ampliar mais os horizontes, ampliar mais a mente [...] de se identificar com o outro, a gente poder vencer os obstáculos da vida, os desafios, é isso, um ajudar o outro.” (P2)

“Amigo? Ah, é como se fosse um irmão. Você está ali, você conta segredos, você compartilha tudo da tua vida. [...] sai junto, se diverte junto, amigo é isso aí. [...] Por isso que me apoiaram muito mais do que uma família. [...] Porque eles me dão conselhos. Porque quando eu estou triste eles me levantam. Eles são muito importante.” (P6)

“Amigo, acho que é uma pessoa que está atrelado em todos os momentos. Em momentos bons, em momentos ruins também. [...] Se te der um abraço quando você não está bem. Não precisa falar nada, não precisa perguntar nada. Só fica ali do seu lado e se der um abraço. Isso para mim já é um grande amigo.” (P9)

Nesse cenário, muitos participantes compartilharam sobre o papel do amigo, dizendo de suas características, como alguém que ouve, é leal, contribui com conselhos, apoia, consola mas, também, faz críticas construtivas, se necessário. Além disso, afirmam se tratar de uma pessoa importante, que gera identificação e mobiliza a ampliação das perspectivas de vida.

Segundo Sluzki (1997), esse vínculo pode ser analisado de acordo com os seus atributos, de que forma essa função se desempenha e sua versatilidade nas relações, além do nível de reciprocidade, intensidade, a história da relação e como ocorre a frequência de sua manutenção/contato. Dessa forma, muitos participantes trouxeram sobre o que se refere ao papel de amigo, o que os torna pessoas importantes em suas trajetórias, bem como as reações esperadas em determinadas situações de ajuda e cuidado mas, também, de clareza e sinceridade. Nesse sentido, ao serem questionados sobre como são os seus amigos, eles apresentaram múltiplas características que potencializam esse papel, como descritas abaixo:

“Não tem muita idade, não [ao ser questionada sobre a idade]. Alguns são mais presentes. Outros nem tanto. Alguns são mais descontraídos. Outros mais retraídos. Alguns eu consigo conversar mais, ser mais aberto. Alguns nem tanto. Acho que é isso. Alguns são mais receptivos, mais compreensivos, outros já são mais diretos.” (P10)

“Acho que é parecido com a minha 25, 28 [ao ser questionada sobre a idade]. Ah, tem que vez que tá sério, tem vez que tá mais alegre [...] eles são boas pessoas.” (P7)

“Tem amigos chatos, mas são amigos bons. Tem autoritários, mas são amigos bons. Ter amigos de todas as classes. De todas as classes, sem exceção. E todos são maravilhosos. Entendeu? Todos. Eu tenho amigos... Eu tenho amigos... homossexuais, lésbicas. Então são amigos assim, de rir demais. Então são amigos que não tem sexo na amizade. Amigo é amigo. Não tem sexo que define. [...] Tem amigos grandes, pequenos, velhos. Então tem, como eu falei, amigo não tem sexo, não tem idade. Basta ser amigo. Por que eu falei tudo? Porque um amigo tem que ter todas as qualidades, e todas as boas e as ruins. Porque as boas você aprende, você vive, e as ruins você aprende com elas também. [...] Porque o verdadeiro amigo ele não abandona.” (P5)

“Ela é amigável, ela dá bronca na sua cara. Fala a verdade na sua cara. Ela é assim... Eu gosto que ela é sincera, que ela me ajuda.” (P4)

“Tem amigos maduros, assim como eu. Meus amigos são assim. São pessoas boas, pessoas que trabalham também. São pessoas sinceras.” (P3)

“40, 50 [ao ser questionada sobre a idade]. Alguns são mais bravos, outros são divertidos outro é mais calado, é assim.” (P2)

“Ah, são legais. Puxa bastante a minha orelha. Porque, nossa, eu sou bastante trouxa, viu? Em questão de homens. Ai, eu... Eu sou muito trouxa mesmo. Ai elas puxam minha orelha por causa disso, sabe? Ah, elas são bem espontâneas, né? Até um pouco demais.” (P1)

“Não tem idade. E eu falo, eu tenho desde o pequeno até o maior, até o velhinho. Minhas amigas são mais ou menos da minha faixa etária. 43, 42, 49, 50, 30. São umas faixa etárias meia... Até as amigas da minha filha são minhas amigas também. Então... [...] Os meus amigos, eles são extrovertidos. Tem uns que têm bastante problemas familiares e identificam muito assim como se eu fosse a psicóloga deles. Eles são... trabalham, tem a rotina normal da vida deles. Uns são solteiros, outros casados, outros já desquitaram.” (P6)

A partir dessas falas supracitadas, compreendemos que os amigos se apresentam de formas diversas, tanto em termos de características pessoais quanto de suas vivências e formas de exercer a amizade. Com isso, os entrevistados evidenciaram que seus amigos possuem posicionamentos distintos, desde aqueles que são mais descontraídos e extrovertidos até os mais reservados e sérios, além de terem idades diversas, contribuindo para a riqueza das interações e do aprendizado nessas relações. Também compartilharam das qualidades e defeitos, enquanto forma de ampliação das perspectivas e valorização do outro, independente dos atravessamentos que cercam essas trajetórias, como idade, gênero e contexto social.

Outros aspectos que eles reforçaram foi a capacidade de oferecer apoio, conselhos e até mesmo críticas construtivas, sendo algo citado enquanto importante para o fortalecimento desses vínculos.

Todavia, a criação desses vínculos perpassa por muitos espaços de convivência e diferenças socioculturais, de costumes e experimentações que se refletem na identidade dos usuários. Com isso, buscou-se compreender onde e como se constituiu essas relações, destacadas nas seguintes falas:

“No trabalho. A maioria foi onde eu trabalhei.” (P6)

“A V. eu conheci na rua da minha avó. Bem... Partilhamente mesmo. E a F... É de infância, né.” (P1)

“Em um bairro mesmo. [...] morava vizinho.” (P2)

“Trabalhando no serviço. Porque eles vão trabalhar junto, né? Fazem amizade, depois eles vai embora. É assim, desse jeito. Fazer amizade. Trabalhando.” (P3)

“Nossa, ela era pequenininha, nós ia pra recreação junto.” (P4)

“Olha, alguns eu conheci na igreja. Alguns eu conheci no bairro que eu moro. E os outros eu conheci aqui no CAPS.” (P5)

“Na igreja.” (P7)

“A maioria foi tudo pela igreja.” (P10)

Compreende-se que a criação das relações de amizade perpassa por muitos espaços sociais como igreja, trabalho, comunidade e o CAPS, proporcionando encontros e trocas que são campos férteis para as relações humanas. Com isso, a maioria dos participantes compartilhou que suas relações foram constituídas em outros espaços sociais, sendo mencionada a igreja por quatro participantes. Apenas um dos entrevistados apontou o CAPS enquanto um local para se fazer amigos.

A partir disso, os participantes compartilharam sobre os tipos de amizades que se constituem nesses ambientes:

“Eu tenho colegas, bastante. Mas amigos não mais.” (P8)

“É que assim, tirando os amigos da igreja, não tenho mais nenhum. Antigamente eu tinha, aí eu comecei a ficar não sair muito de casa, essas coisas. E aí, eu só tive amigo da igreja. É, quando vocês vem aqui, foi bom conhecer vocês.” (P7)

“Tem os de hoje, tem os antigos, velhos.” (P5)

“Eu tenho conhecidos, colegas. Amigo, amigo, eu tenho essa minha amiga que chama M.” (P4)

Dessa forma, observou-se que as amizades podem se constituir de formas diferentes em cada contexto, a partir do tipo de interação e frequência de contato, além das mudanças que ocorrem a cada fase da vida. No mais, é importante destacar esses espaços enquanto mediadores das relações, que intensificam a necessidade de espaços de convivência para ampliação do protagonismo desses usuários, bem como fortalecimento de seus papéis. Nesse sentido, esses amigos possibilitam, dentre outros, a experiência do apoio e cuidado. Quando os participantes foram questionados sobre momentos em que um amigo os ajudou, muitos elementos foram destacados, como é possível identificar nesses trechos:

“Recentemente, para mim chegar até aqui em CAPS. Quando eu já tinha desistido, e a pessoa falou “não, conta comigo” e segurou as minhas mãos, e eu estou aqui hoje.” (P10)

“Porque ela me ajudou em momentos de crise de surto. Quando eu não estava bem ela me ajudou.” (P4)

“Caso da minha dificuldade psicológica, né? Me dá apoio, me dá conselho, procura entender o que a gente passa, tem uma visão mais ampla, né?” (P2)

“Eu fiquei lá 15 dias internada, acho. 10 ou 15 dias. Aí ela foi me visitar. Aí depois, na hora que eu saí, ela foi me visitar em casa.” (P1)

“Olha, ajuda. Muito. Teve...a época que eu perdi minha filha eu trabalhava na MAPFRE. E eu fiquei um bom tempo sem receber do INSS, porque era época de pandemia, aí tinha que fazer tudo online, essas coisas, aí eu fiquei um bom tempo. E o meu esposo também estava sem receber porque ele tinha tido alta do INSS. E estava recorrendo com o advogado. Então eu fiquei uns 7 meses sem receber nada. Nem eu nem ele. Daí com os amigos lá da MAPFRE, daí juntaram todos eles e levaram muita coisa para mim. Mas muita. Aquilo que

eu tive que distribuir de tanta coisa que chegou. Então isso marcou muito. Desde higiene pessoal tudo que você imaginar eles levaram.” (P6)

Pelos relatos dos participantes, foi possível compreender a importância da amizade em momentos de crise, seja por conta de períodos de alteração do quadro clínico ou dilemas da vida, logo que, amigos desempenham papel de apoio, ofertando conforto e segurança, e, dessa forma, atenuando sentimentos de isolamento e vulnerabilidade. Além disso, são figuras que promovem o reconhecimento desse sofrimento, ofertando acolhimento e estimulando a busca por ajuda especializada. Em contrapartida, os participantes compartilharam sobre a dificuldade de contato com os seus amigos, por conta de mudanças na rotina e construção de novos papéis:

“Hoje não tanto. Mas, na época, assim, mais de jovem, a gente saía bastante, ia para a lanchonete, aí tinha retiros de jovens, sabe? Da igreja. Então era bem legal, assim, passava os finais de semana juntos. E agora muda um pouco a rotina, né? Casa, tem filhos. Mas quando dá, sai, conversa um pouco, vai na casa um do outro, é muito bom [quando questionada sobre se fazem coisas juntos]”. (P10)

“Não, raro, porque ela trabalha muito, então é raro a gente fazer coisas juntos, muito raro [quando questionada sobre se fazem coisas juntos].” (P4)

“Faz tempo que eu não vejo, então é correria, um casou, e outros formou família, trabalham, começaram a trabalhar; aí paramos de sair junto, que era um grupo, né? Um grupo de amigos, né, aí uns começou a namorar, outros casou, tal aí, eles... paramos, né? nós separamos o grupo, acabou.” (P3)

“Porque a gente colocava a música e ficava lá, né. Mas aí meu pai se aposentou aí e ficava em casa, aí não dava mais.” (P1)

Os excertos de fala acima parecem carregados de memórias afetivas e remetem a uma experiência de bem estar. Argumenta-se que essas lembranças podem fortalecer a sensação de pertencimento e valor, mesmo que haja o distanciamento das relações por conta das mudanças do fluxo da vida. Dessa forma, os entrevistados reforçam que esses momentos marcaram as

suas histórias, se tornando uma fonte de conforto e afeto do que já se foi mas, que permanece intrínseco na tessitura das relações.

Evidenciou-se também, no relato dos entrevistados, a identificação com outras pessoas que estão em sofrimento psíquico:

“Porque não dá para viver sozinho. Por mais que a gente está doente psicologicamente, a gente quer se afastar dos amigos, quer se afastar das pessoas. Mas quando a gente vem com o CAPS, o CAPS nos transforma. As pessoas do CAPS se transformam nossos melhores amigos para a gente. Sabe? Não tem como não ser. Porque nós compartilhamos as mesmas doenças, as mesmas dores, os mesmos sofrimentos.” (P5)

“No CAPS, eu considero eles aqui no CAPS como amigo, né? Porque, né, é tão na mesma situação, né? [...] Eu sei que as pessoas que estão aqui são pessoas boas, não são pessoas de arrumar confusão, né? Eles estão atrás da mesma coisa que eu, se sentir bem, né?” (P3)

Verifica-se que algumas relações de amizade que se constituíram no CAPS possibilitam partilhas de apoios e estratégias, além de vivências em comum, o que permite o fortalecimento dessas amizades e a construção de novas experimentações. Segundo a pesquisa de Albuquerque, Brêda e Nascimento (2015), a identificação entre pessoas que estão em sofrimento psíquico é recorrente, sendo uma forma de se sentirem validadas e compreendidas ao interagirem com pares. Esse processo também gera exemplos de superação e motivação, potencializando o tratamento dos usuários.

Entre esses aspectos se destaca a necessidade de ter novas experiências práticas, enquanto uma forma de ter alguém para desbravar o mundo para fora do CAPS. Refere-se às seguintes falas:

“A gente vai na pista de skate, tipo na lanchonete, ou alguma coisa assim.” (P4)

“Além das ambiências que nós compartilhamos, nós fazemos juntas, a gente desce aqui embaixo, e tem uma pracinha, senta ali para conversar um pouco. Ou a gente toma um sorvete, conversa. Eu e minha amiga R., aqui do CAPS, descemos para Broa. Passar o dia lá na Broa, andamos, tiramos fotos, nadamos, rimos até. Só nós duas. Duas loucas lá. Até porque eu falei que não estava filmando, mas estava. O que que nós somos? As fugitivas. Ela

fala que CAPS, CAPS o que. CAPS CAPS o que. Nesse nível de alegria. De compartilhar, e sair para fazer alguma coisa. Outro dia a gente desceu ali no centro, fomos resolver um negócio no banco, tirando foto na praça.” (P5)

Compreende-se que essas relações de amizade ocupam outros espaços além do CAPS, logo que, dois participantes indicaram que já ocorreram passeios e visitas com os amigos que foram feitos no serviço, realizando circulações no território e revisitando novos espaços, como praças, lanchonetes e pistas de skate, citadas acima. Apesar desse dado, poucos entrevistados enfatizaram que suas relações superaram os muros institucionais.

Embora ocorra em um número reduzido no presente estudo, os amigos do CAPS também são pessoas com quem os usuários podem realizar atividades e trânsito social, não dependendo desse espaço para existir e possibilitando que a inclusão ocorra na vida cotidiana, tal como identificado na pesquisa de Salles e Barros (2014).

4.4 Qual a importância de se ter uma amizade?

Nesta categoria foram reunidos temas que retratam as mudanças pessoais vivenciadas pelos entrevistados por conta do amadurecimento, os aprendizados proporcionados pelas relações e partilhas e o que os participantes consideram a base de uma amizade. Dessa forma, alguns entrevistados compartilharam das mudanças que aconteceram em suas trajetórias:

“Porque a vida vai mudando, né? E no entanto que tem pessoas que antes eu tinha muito contato, hoje já não tenho. Mas criei vínculos com outras. Acho que é um ciclo né, que vai se formando, a gente vai mudando, as pessoas mudam [quando questionada sobre o porquê de querer ter/fazer mais amigos].” (P10)

“Vai mudando o pensamento, né, na minha idade é mais difícil.” (P2)

As falas supracitadas evidenciam posicionamentos diferentes, enquanto alguns dos participantes contam de suas experiências cíclicas e mutáveis, de relações que se modificaram, enfraqueceram e/ou se transformaram, dando espaço para a criação de novos

vínculos, outras ressaltam que esse amadurecimento pode tornar algumas mudanças mais desafiadoras, por conta da dificuldade em se adaptar e de buscar por novas relações.

As relações de amizade compostas por adultos possuem uma série de características em comum, como os interesses pessoais, idade, estado civil, religião, status ocupacional, etnia, renda, escolaridade, gênero, número de amigos, duração da amizade e tipos (Souza, Hutz, 2008; Bell, 1981; Blieszner & Adams, 1992; Fehr, 1996). Nesse sentido, há mudanças nas relações à medida que ocorrem mudanças de pensamento/posicionamento das pessoas, sejam por novas circunstâncias da vida, interesses ou prioridades. Essa dinâmica se reflete na adaptação às diferentes fases.

Dessa forma, os participantes compartilharam sobre os aprendizados proporcionados pelas relações de amizade:

“Isso aí, isso me ajuda a trocar ideias, pensamentos [...] vai colhendo os frutos deles e pondo em prática com a nossa família também, né?” (P2)

“Porque é bom aprender com eles. Às vezes eles trazem coisas diferentes na tua vida. A vivência deles não é igual à tua. Ou é igual, você se identifica. Eu acho que seria uma parceria.” (P6)

Com isso, compreende-se que as amizades são importantes fios condutores das relações sociais, possibilitando o vislumbre de novas perspectivas e formas de pensar-existir, que podem potencializar a interação entre os pares e a família. Para sustentar essa ideia, ressalta-se a seguinte fala:

“Porque a base da amizade é carinho, amor e respeito. Carinho, amor e respeito. Passou disso numa amizade, de jeito nenhum. E reciprocidade. Tem que ter.” (P5)

Esses aspectos/qualidades referidos enquanto a base da amizade, permitem a associação dos aprendizados. Ainda, por meio da empatia e reciprocidade essas relações se formam e tecem mudanças e transformações no cotidiano dos sujeitos.

Segundo Erbolato (2001), que investigou sobre as relações de amizade entre adultos, a amizade está intimamente relacionada com a satisfação emocional, troca de comunicação, semelhanças e facilidade de interação com o mundo. O amigo é definido enquanto uma pessoa disposta a ajudar, que demonstra afinidade e cuidado. Essa capacidade em apoiar o

outro foi muito pontuada pelos participantes da presente pesquisa, sendo uma característica importante para fortalecer as relações e possibilitar a construção da confiança.

Além disso, destaca-se a importância em buscar por essas relações, como citado:

“A sociedade precisa aprender a ter companhia.” (P5)

Essa afirmação ressalta a necessidade de cultivar relações de amizade em um mundo que caminha para a lógica individualista. As interações sociais fomentam fatores de proteção para os usuários da saúde mental, além de transformações coletivas por meio da compreensão do eu e do outro enquanto pessoas intrinsecamente ligadas pelas semelhanças das vivências, afeto e identificação mas, também pela consciência da necessidade de mudanças na visão social sobre as pessoas em sofrimento psíquico. Dessa forma, a criação de vínculos dentro e fora dos CAPS são importantes mobilizadores do trânsito social e do reconhecimento de si mesmos.

Nesse sentido, a desinstitucionalização e a inserção social são formas estratégicas de questionar esses processos de exclusão e possibilitar novos caminhos que constituam outra visão social sobre a loucura e a circulação dos usuários pelos meios urbanos (Santos, Martins, 2016; Alkimim, 2000), tornando as relações de amizade possíveis mediadores dessa circulação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral investigar e compreender sobre o papel, a função e a importância das relações de amizade para usuários de CAPS II, em um município do interior do estado de São Paulo. Aponta-se que o trabalho atingiu os objetivos estabelecidos contribuindo com informações relevantes para a Terapia Ocupacional, bem como para o campo da saúde mental.

Investigar sobre as relações de amizade no âmbito da saúde mental é buscar contribuir com a compreensão sobre a importância de apoiar esta dimensão na vida dos sujeitos para que processos de participação e inclusão social efetivamente aconteçam, dando visibilidade a esta temática e fomentando pesquisas no tema. Nesse sentido, o presente estudo aponta que a maioria dos participantes possuem amigos ou o desejo de ter/fazer mais amizades, em contrapartida, apenas dois entrevistados indicaram que realizam passeios e encontros fora do

CAPS. Além disso, apresentam dificuldades em estabelecer confiança nessas relações, sendo uma característica que limita a constituição de novos vínculos.

Verificou-se a importância dessas relações para os participantes da presente pesquisa, uma vez que consideram fundamental o apoio, a escuta e o cuidado que estas mobilizam, bem como, os conselhos e a ampliação das perspectivas. Dessa forma, verificou-se que as amizades também são consideradas importantes fontes de afeto e ajuda em meio às situações de crise.

Por fim, aponta-se que novas pesquisas devem ser desenvolvidas neste tema com vistas a produzir conhecimentos e possibilitar a construção de novas estratégias nos campos de atuação que apoiem os usuários da saúde mental na construção, manutenção e ampliação de suas relações de amizade. Com isso, argumenta-se que é necessário que o cuidado englobe o fortalecimento das redes sociais dos usuários e ampliação dos espaços de sociabilidade no território enquanto forma de potencializar a inclusão dos sujeitos.

6. REFERÊNCIAS

ALEGRIA M. et al. **Social determinants of mental health: where we are and where we need to go.** *Curr Psychiatry Rep* [Internet]. 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11920-018-0969-9>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

AMADEI, G. N.; BARBOSA, G. C.; PINHO, P. H. Análise estrutural e funcional da rede social de usuários do Centro de Atenção Psicossocial: caminhos para a Atenção Psicossocial. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e220163, 2023.

AMARANTE, P., TORRE, E. H. G.. De volta à cidade, sr. cidadão! Reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. **Revista de Administração Pública**, 2018, 52(6), 1090–1107. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220170130>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

AMARANTE, P. A clínica e a reforma psiquiátrica. In: AMARANTE, P. (org.). **Arquivos de saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Nau, 2003, p. 45-65.

ARAÚJO, F. Do amigo qualificado à política da amizade. **Estilos da clínica**. São Paulo, v.10, n.19, p. 84-105, 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 de março de 2024.

ASSAD, F. B.; PEDRÃO, L. J.; CIRINEU, C. T. Estratégias de cuidado utilizadas por terapeutas ocupacionais em centros de atenção psicossocial. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. 1.], v. 24, n. 4, p. 743–753, 2016. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1407>. Acesso em 20 de março de 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARROS, J. de O.; MÂNGIA, E. F. **Rede social e atenção às pessoas com transtornos mentais: novo desafio para os serviços de saúde mental**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v.18, n. 3, p.135-142, set./dez. 2007

BRASIL. Saúde mental: O que é a Política Nacional de Saúde Mental? Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em abril de 2024.

ERBOLATO, R. **Contatos sociais: relações de amizade em três momentos da vida adulta**. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2001. Acesso em 30 de janeiro de 2025.

FERH, B. Friendship processes. London: Sage, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KINOSHITA, R. T. **Contratualidade e reabilitação psicossocial**. In: PITTA, A. (org.). Reabilitação psicossocial no Brasil. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 55-59.

LUSSI I.A.O., PEREIRA M.A.O., PEREIRA JUNIOR A. A proposta de reabilitação psicossocial de Saraceno: um modelo de auto-organização? **Revista Latino Americana Enfermagem**, maio-junho; 14(3):448-56, 2006.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLL, M. F.; SAEKI, T. A vida social de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, usuárias de um centro de atenção psicossocial. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v. 17, n. 6, 2009.

MONTANHER M.K., LEAL E.M. As redes sociais na perspectiva de pessoas com o diagnóstico de esquizofrenia em tratamento em um CAPS de Campinas e as implicações no recovery. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. set./dez, 2013. 24(3):183-90.

MOURA, A. C. M. D. et al. A relação entre sujeitos com transtorno mental e equipamentos sociais. **Caderno Terapia Ocupacional**, UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 263-270, 2014.

MURAMOTO, M. T., MÂNGIA, E. F. A sustentabilidade da vida cotidiana: um estudo das redes sociais de usuários de serviço de saúde mental no município de Santo André (SP, Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(4), 2165–2177, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000400016>. Acesso em 14 de abril de 2024.

MÂNGIA, E. F.; MURAMOTO, M. T. **Redes sociais e construção de projetos terapêuticos: um estudo em serviço substitutivo de saúde mental**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 18, n.1, 2007.

MEZZINA, R. et al. From participation to citizenship: How to regain a role, a status, and a life in the process of recovery. *American Journal of Psychiatric Rehabilitation*, v. 9, n.1, p. 39-61, 2006. Acesso em 28 de janeiro de 2025.

NASCIMENTO, Y. C.M.L.; BRÊDA, M. Z.; ALBUQUERQUE, M. C. dos S. de. O adoecimento mental: percepções sobre a identidade da pessoa que sofre. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v.54, n.19, p.479-490. 2015.

ORTEGA, F. Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2009.

OPAS; OMS. **Relatório sobre a saúde no mundo**. Saúde Mental. Nova concepção. Nova esperança. Geneva, Suíça, 2001.

PITTA, A. (org). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. Editora Hucitec, 2016.

SALLES, M. M.; BARROS, S. Da cidadania à realização de projetos de vida: inclusão social de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial na vida cotidiana. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 24(4): 1275–1292, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000400013>. Acesso em: 20 de março de 2024.

SALLES, M. M.; BARROS, S. Inclusão social de pessoas com transtornos mentais: a construção de redes sociais na vida cotidiana. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 7, p. 2129–2138, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000700028>. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw Hill, 2006.

SANTOS, A. V.; MARTINS, H. T. Um breve percurso na prática de inserção social em um centro de atenção psicossocial - CAPS na Bahia. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 124-144, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 janeiro de 2025.

SARACENO, B. Reabilitação psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In: PITTA, A. (org.). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996 p. 13-8.

SARACENO, B. Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia/Té Cora, 1999.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUZA, L. K., HUTZ, C. S. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. **Psicologia em Estudo**, 13(2), 257–265, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200008>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

YASUI S. **Vestígios, desassossegos e pensamentos soltos: atenção psicossocial e a reforma psiquiátrica em tempos sombrios**. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

YASUI, S. Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Data:

Local:

Horário:

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Iniciais do nome completo:

Data de nascimento:

Qual é a sua cor?:

Definição seguida conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022)

Amarela

Branca

Indígena

Parda

Preta

Prefiro não me classificar

Prefiro não responder

Gênero (com qual gênero você se identifica?):

*Definição seguida conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022)

[1] Que se identifica com o sexo que lhe foi designado ao nascer

[2] Possui outra identidade de gênero, diferente da que lhe foi designada ao nascer

[3] Não definem sua identidade no sistema binário homem mulher

Mulher cisgênera¹

Homem cisgênero¹

Mulher transexual/transgênera²

Homem transexual/transgênero²

Não binário³

Prefiro não me classificar

Prefiro não responder

Você trabalha atualmente?

Sim Não

Se não, já trabalhou? E por quanto tempo?

Estado civil:

Em que bairro você mora?

Com quem você mora?

Escolaridade:

Há quanto tempo faz acompanhamento no CAPS:

QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. O que é um amigo para você? Conta um pouco para mim.
2. Você considera importante ter amigos? Por que?
(observação: no bairro/vizinhança, no CAPS, na família, na igreja, no trabalho)
3. E você tem amigos?
 Sim Não
Se não, ir para o roteiro 2.
4. Qual é a idade do(s) seu(s) amigo(s)?
5. Conta um pouco para mim sobre como são os seus amigos.
(divertido, brincalhão, bravo, sério...)
6. O que você gosta nesses amigos?
7. E tem alguma coisa que você não goste?
8. Esses amigos te ajudam em alguma coisa? Conta para mim como foi um dia que um amigo te ajudou.
9. Eles são importantes para você? Por quê?
10. Onde e como você conheceu esses amigos?
11. Vocês fazem coisas juntos? Conta para mim o que vocês fazem juntos.
12. Você gostaria de ter/fazer mais amigos? Por quê?
13. Você acha fácil ou difícil fazer amigos? Por quê?
14. Fale uma palavra que represente o que é um amigo para você.
15. Você gostaria de contar mais alguma coisa para mim sobre as amizades para você?
16. Qual a sua cor preferida?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Data:

Local:

Horário:

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Iniciais do nome completo:

Data de nascimento:

Qual é a sua cor?:

Definição seguida conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022)

Amarela

Branca

Indígena

Parda

Preta

Prefiro não me classificar

Prefiro não responder

Gênero (com qual gênero você se identifica?):

*Definição seguida conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022)

[1] Que se identifica com o sexo que lhe foi designado ao nascer

[2] Possui outra identidade de gênero, diferente da que lhe foi designada ao nascer

[3] Não definem sua identidade no sistema binário homem mulher

Mulher cisgênera¹

Homem cisgênero¹

Mulher transexual/transgênera²

Homem transexual/transgênero²

Não binário³

Prefiro não me classificar

Prefiro não responder

Você trabalha atualmente?

Sim

Não

Se não, já trabalhou? E por quanto tempo?

Estado civil:

Em que bairro você mora?

Com quem você mora?

Escolaridade:

Há quanto tempo faz acompanhamento no CAPS:

Se não

1. E você gostaria de ter amigos atualmente? Por quê?
2. Você acha importante ter amigos? Por quê?
3. No que você acha que um amigo poderia te ajudar? Por quê?
4. Você acha fácil ou difícil fazer amigos? Por quê?
5. Fale uma palavra que represente o que é um amigo para você.
6. Você gostaria de contar mais alguma coisa para mim sobre as amizades para você?
7. Qual a sua cor preferida?

APÊNDICE C - Cartaz para divulgação da pesquisa e contato com os usuários



Se você tem interesse em conversar sobre amizade, que tal participar da pesquisa de TCC "Relações de amizade para usuários da saúde mental: um estudo exploratório"? Ela será conduzida por mim, sob orientação da professora Giovana Morato.

Para entrar em contato mande um e-mail para lais.riviera@estudante.ufscar.br ou converse com o seu profissional de referência!

 lais.riviera@estudante.ufscar.br

APÊNDICE D - Folder para compartilhar com os usuários

O QUE SE APRENDE COM UM AMIGO?

As relações de amizade produzem muitas belezas, aprendizados e nos possibilitam:

- MOMENTOS DE TROCAS DE IDEIAS
- IDENTIFICAÇÃO, CONFORTO E APOIO
- OBSERVAR DIFERENTES POSICIONAMENTOS SOBRE A VIDA, ENRIQUECENDO ESSAS INTERAÇÕES

O QUE É UM AMIGO?




Aquele que consola e se preocupa quando você não está bem.

Amigo é para todas as horas, para conversar, desabafar e dar conselhos.

Amigo é aquele que te ouve.

Não depende de fatores como idade, gênero e contexto social.

VAMOS FALAR SOBRE AMIZADE?



As amizades são importantes fontes de amparo e superação, logo nos proporcionam:

- CONSELHOS E SEGURANÇA.
- POSSIBILITA CONHECER NOVOS ESPAÇOS, COMO PRAÇAS E LANCHONETES.
- É BOM APRENDER COM ELES. ÀS VEZES ELES TRAZEM COISAS DIFERENTES NA TUA VIDA. A VIVÊNCIA DELES NÃO É IGUAL À TUA. OU É IGUAL E VOCÊ SE IDENTIFICA.



DICAS PARA FAZER NOVAS AMIZADES

OBSERVAR

PARTICIPAR DE ATIVIDADES EM CONJUNTO

CHEGAR MAIS PRÓXIMO, PUXAR CONVERSA

CONVIDAR PARA CONHECER OUTROS LUGARES

QUAL É A BASE DA AMIZADE?

RECIPROCIDADE

AMOR

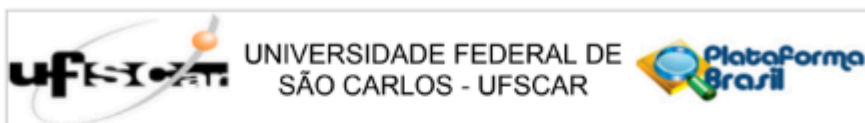
CARINHO

RESPEITO

SINCERIDADE



ANEXO A - Parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa para a realização da pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relações de amizade para usuários da saúde mental: um estudo exploratório

Pesquisador: Giovana Garcia Morato

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 80504624.4.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.039.052

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2347490.pdf, de 22/07/2024) e/ou do Projeto Detalhado (ProjetoPesquisa_LaisRiviera_CEP_2.pdf, de 22/07/2024):

RESUMO

Nos anos 70 e 80, o Brasil vivenciou mudanças profundas, incluindo a área da saúde mental, impulsionadas pela Reforma Psiquiátrica. Essa reforma, abrangendo aspectos conceituais, técnicos, socioculturais e jurídicos, destacou a importância das redes sociais para a inclusão e ampliação da participação social dos usuários de serviços de saúde mental. No entanto, muitos enfrentam dificuldades em estabelecer e fortalecer essas redes, devido a estigmas sociais e ao afastamento causado pelo processo de adoecimento. Dessa forma, o presente projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar e compreender sobre o papel, a função e a importância das relações de amizade para usuários de CAPS II. Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa. Serão participantes da presente pesquisa usuários de um CAPS II com o quadro clínico estável e comunicação verbal preservada e que participem regularmente de grupos e/ou oficinas no serviço. Para a coleta de dados será utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado. Os dados oriundos das entrevistas serão submetidos à

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Técnica de Análise Temática. Espera-se que o presente estudo contribua para a produção de conhecimento na área da saúde mental, tendo como referência a Atenção Psicossocial e buscando compreender sobre a importância das relações de amizade para os usuários do CAPS II, preenchendo lacunas significativas neste domínio, bem como destacando a importância dessas relações para o fortalecimento das redes sociais dos usuários e ampliação dos espaços de sociabilidade no território.

HIPÓTESE

Hipotetiza-se que os usuários tenham escassa ou ausente relações de amizade enquanto pessoas de sua rede de suporte e apoio reconhecidamente.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa. Os estudos exploratórios se caracterizam pela investigação de um tema ou problema de estudo, caracterizado pela presença de lacunas na literatura ou ausência de informações. Com isso, tem como papel reconhecer os fenômenos, conceitos e selecionar prioridades a se investigar sobre determinado assunto. (Sampieri; Collado; Lucio, 2006) A abordagem qualitativa de pesquisa em saúde busca compreender a complexidade dos fenômenos sociais, culturais e humanos relacionados à saúde. Ao contrário dos métodos quantitativos, que se concentram na coleta e análise de dados numéricos, a pesquisa qualitativa se baseia em dados não quantificáveis, como narrativas, observações e análise de documentos, dessa forma [...] a focalização sobre um experimento que se busca compreender por meio de entrevistas, observações, uso de banco de dados e documentos. (Minayo, 2014, p. 164) Participantes: Serão convidados a participar do presente estudo usuários de um CAPS II, localizado em um município do interior do estado de São Paulo. Campo do estudo: O campo de estudo será um Centro de Atenção Psicossocial do tipo II (CAPS II), localizado em um município do interior do estado de São Paulo. O CAPS II atende pessoas em sofrimento psíquico decorrente de transtornos mentais graves e persistentes, acolhendo também aqueles relacionados ao abuso de álcool e outras substâncias e outros estados clínicos que precisem de apoio no fortalecimento de suas redes. Dessa forma, serviços CAPS na modalidade II são recomendados para áreas ou regiões com uma população acima de 70 mil habitantes. (Brasil, 2024) Neste estudo, o CAPS II está situado em um município com mais de 200 mil habitantes. Instrumentos para a coleta de dados: Para a coleta de dados será utilizado um instrumento, sendo o Roteiro de Entrevista Semiestruturada.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Quanto ao Roteiro de Entrevista Semiestruturada, suas questões versarão sobre o tema da amizade no que diz respeito à existência ou não dessa figura na vida do sujeito, sua função, qualidade, etc e serão construídas a partir da revisão da literatura e dos objetivos da presente pesquisa. No Roteiro de Entrevista constará os dados pessoais dos participantes. Análise dos resultados: As entrevistas, após transcritas na íntegra, serão organizadas em ordem de realização e serão submetidas à técnica de Análise Temática. (Bardin, 2008) A Análise Temática consiste em uma das técnicas incluída na Análise de Conteúdo, se caracterizando enquanto uma forma de análise das comunicações. (Bardin, 2008) Dessa forma, possibilita encontrar os núcleos de sentido, ou os temas, integrados na comunicação. Assim, o tema é o significado contido no texto analisado, conforme a teoria que fundamenta os critérios. Com isso, pode ser utilizado como unidade de registro com o objetivo de pesquisar sobre aspectos sociais e culturais. (Bardin, 2008) Para executar essa investigação, os resultados retirados de fontes escritas e faladas serão padronizados. Será realizada uma leitura exaustiva do material, enquanto forma de compreender os dados e identificar temas significativos que, em seguida, serão agrupados e darão origem às categorias temáticas.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Usuários com o quadro clínico estável e comunicação verbal preservada; Que participem regularmente de grupos e/ou oficinas no serviço.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Se negar a participar da pesquisa e a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Ser interditado.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar e compreender sobre o papel, a função e a importância das relações de amizade para usuários de CAPS II.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A entrevista, por se tratar de um momento de diálogo e de trocas, poderá, em seu transcurso, tocar em temas que evoquem emoções e lembranças, podendo gerar algum desconforto ao participante. Caso isso ocorra, a pesquisadora estará orientada e disponível para ouvir e acolher o participante em qualquer situação de desconforto, bem como acionar o profissional de referência deste participante no serviço, o que será previamente pactuado com

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

a equipe. Ainda, como o campo do estudo se trata do serviço CAPS onde o participante faz acompanhamento regular, poderá servir de retaguarda, se necessário.

Benefícios: A participação na entrevista poderá trazer benefícios diretos ao entrevistado, na medida em que lhe oportunizará resgatar quem são as pessoas importantes para ele, os motivos para tal importância e a função de tais pessoas em sua vida, contribuindo para o resgate de laços afetivos, fortalecimento da rede social e consequente melhoria na inclusão e participação social, como preconizado pelos serviços da Atenção Psicossocial. Adicionalmente, estes resultados poderão contribuir na reformulação de estratégias utilizadas por profissionais e serviços de saúde mental com vistas a fomentar o fortalecimento dos laços sociais com consequente ampliação e fortalecimento das redes sociais dos sujeitos acompanhados nos serviços.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentação adequadamente apresentada.

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 1ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar. Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente n. 6.946.602 emitido pelo CEP em 12/07/2024.

PENDÊNCIA 1 - No TCLE, acrescentar como os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa. Dados gerais da pesquisa serão compartilhados com os participantes em formato específico (como folder com dados resumidos)? Haverá divulgação do produto final entre os participantes (como o exemplar no repositório institucional ou artigo científico)?

RESPOSTA: Em resposta à pendência emitida por este CEP, em 12 de julho de 2024, e seguindo a orientação constante na Resolução CNS nº 510 de 2016, em sua Seção II (Do Registro do Consentimento e do Assentimento), Art.17, inciso VI onde consta a garantia aos participantes do

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

acesso aos resultados da pesquisa, destaca-se que as pesquisadoras se comprometem com o compartilhamento dos resultados da pesquisa junto aos seus participantes. O compartilhamento ocorrerá em formato de cartilha, um material didático que será confeccionado a partir dos resultados da pesquisa, contendo ilustrações, linguagem simples e direta, adequada ao perfil do público participante, abordando, dentre outros, a importância das relações de amizade para a saúde mental e as estratégias para a criar e fortalecer laços de amizade. No que se refere a estratégia de divulgação da cartilha, esta será entregue de forma impressa ou digital aos participantes, de acordo com a preferência informada. Por fim, aponta-se que estas informações foram incluídas tanto no TCLE quanto no projeto completo e destacadas em AMARELO. ANÁLISE: Pendência atendida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P	22/07/2024		Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9885 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 7.039.052

Básicas do Projeto	OJETO_2347490.pdf	08:55:37		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1_assinado.pdf	22/07/2024 08:53:50	Giovana Garcia Morato	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_LaisRiviera_CEP_2.pdf	22/07/2024 08:52:57	Giovana Garcia Morato	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisa_LaisRiviera_CEP_2.pdf	22/07/2024 08:51:33	Giovana Garcia Morato	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_nova_final.pdf	10/06/2024 09:01:53	Giovana Garcia Morato	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista_Semiestruturada_ok.pdf	30/05/2024 10:47:01	Giovana Garcia Morato	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CartaAutorizacao_SMS_SaoCarlos.pdf	30/05/2024 10:46:02	Giovana Garcia Morato	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_ROSTO_CCBS_ASSINADA.pdf	30/05/2024 10:41:57	Giovana Garcia Morato	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 28 de Agosto de 2024

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9885

E-mail: cephumanos@ufscar.br